

# Suplemento Cultural

## CONSTRUÇÃO DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

**RAQUEL NAVEIRA** – acadêmica, escritora/  
poeta, mestra em Literatura

(FOTO: ARQ. DA ACADEMIA)



**BRASÃO DA ASL, CUJA SEDE DEFINITIVA  
SERÁ INAUGURADA NO PRÓXIMO DIA 25/AGOSTO/2017**

O dicionário é livro fantástico. Buscamos nele o sentido da palavra “construir” e encontramos os seguintes verbetes: “dar estrutura”, “fabricar”, “organizar”, “arquitetar”, “conceber”, “criar”, “traçar segundo princípios geométricos”, “dispor as palavras da oração segundo a sintaxe”. Este último remeteu-me à música “Construção”, de Chico Buarque, o pedreiro colocando “tijolo por tijolo num desenho mágico”, esfacelando-se no solo como “um pacote flácido”. O pedreiro/poeta construindo duramente o seu poema de denúncia social.

Assistimos a um vídeo emocionante: a construção, desde a pedra fundamental até a floresta de lápis luminosos projetada pelo arquiteto Otávio Loureiro, de nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Como é lindo ver as paredes se erguendo, os operários trabalhando, os ferros se retorcendo, os espaços se formando. E nossos amigos e colegas acadêmicos acompanhando as obras nos canteiros, com sorrisos no rosto, a realização positiva de quem edifica. O professor Reginaldo Araújo com sua coragem, otimismo e perseverança passará para a História como o presidente construtor dessa Casa de Letras em solo de cerrado pantaneiro.

A nossa Academia Sul-Mato-Grossense nasceu há quarenta e cinco anos de um sonho de seus fundadores: Ulisses Serra, Germano Barros de Souza e José Couto Vieira Pontes. Tudo começou com o impacto estético e o sucesso de um livro de contos marcante para nossa literatura: o *Camalotes e Guavirais*, de Ulisses Serra. Vou até a estante e retiro o meu exemplar adquirido naquela noite inesquecível de 30 de novembro de 1971, no Hotel Campo Grande. Eu, uma menina de 14 anos, já totalmente convencida do meu destino de poeta. Releio a dedicatória: “À Raquel Carvalho, garota de inteligência e charme, neta dileta de um velho amigo de minha adolescência, o Carvalhinho, estes pedaços de guavirais dos nossos imensos chapadões e de camalotes de nossos belíssimos pantanais.” (Detalhe: “charme” sublinhado). A casa de Ulisses Serra foi, certamente, o primeiro abrigo onde bateu o coração de nossa Academia.

O primeiro professor que nos ofereceu uma casa foi o também jornalista e empresário de comunicação, José Barbosa Rodrigues. A sala de reuniões do jornal Correio do Estado era o ponto de encontro, o porto seguro, o meio de expressão das produções dos acadêmicos através do Suplemento Cultural publicado há quatro décadas ininterruptamente, aos sábados. Como esquecer a figura séria do professor Barbosa Rodrigues dirigindo as conversas, os garçons que enchiam as xícaras de louça bran-

ca com o café fumegante saído dos bules de prata? Sim, pois jornalistas e intelectuais são movidos a café, lembrava ele.

Depois, o professor Luís Alexandre de Oliveira, diretor do Colégio Oswaldo Cruz, em testamento, deixou-nos sua casa na rua Rui Barbosa, casa onde viveu sua honrada velhice de homem solitário, entre livros e lembranças. Quando o encontrei, certa vez, ele, um mulato alto, de cabeça grande, quase cego como o poeta argentino Jorge Luís Borges, radiografou minha alma perguntando: “-Você é a Naveira? Naveira de Corumbá, do Casario do Porto, da loja de secos e molhados Congro&Naveira?” Era eu sim, a que se tornou Naveira e navegou pelo rio Paraguai.

Apaixonada também pelo rio Paraguai e pela fidalguia dos corumbaenses era a professora Inah Machado Metello. Aquela que, com tanta confiança, nos presenteou com um belo terreno na rua 14 de julho, altos do Bairro São Francisco, onde foi construída agora pelo Governo do Estado a nossa Academia. O terreno foi resgatado e legalizado pelo Dr. Rêmulo Leteriello e comissão. Como ficaria feliz Dona Inah vendo o seu projeto concretizado. Ela era excelente cronista. Escreveu sobre a Casa Cavassa de Corumbá, pois era sobrinha de Mariano Cavassa. Contou como os Cavassa, por se recusarem a comparecer a um baile promovido pelo general paraguaio Barrios, durante a Guerra do Paraguai, foram parar num campo de concentração em Assunção. Voltaram para Corumbá, já retomada pelos

oficiais brasileiros, como refugiados, num navio de imigrantes italianos, sofrendo muitas humilhações. O refúgio, drama candente, é questão antiga da humanidade.

Tudo o que nós, seres desejantes mas também limitados e contingentes, nesses rincões do oeste, construímos, concebemos, estruturamos: livros, prédios, projetos, atividades culturais, estudos, viagens, aventuras, buscas existenciais, tudo está entranhado no cimento e na argamassa de nossa Academia. Lembramos o verso de Fernando Pessoa: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”.

Esperamos que a partir desse esforço transformado em arena e palco, possamos ter momentos de convivência, de memória, de compartilhamento fraterno com a sociedade através do acervo de uma biblioteca viva e dinâmica; de um auditório que ofereça palestras e seminários; que receba convidados ilustres e gente do povo para acompanhar e refletir de perto as situações do passado e da modernidade, sempre sustentados pela máxima de Machado de Assis: “A Literatura é ideal que eleva, honra e consola.”

Que neste 25 de agosto de 2017 se abram finalmente as portas de nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Que vejamos lá dentro pessoas livres e plenas de amor, verdadeiros alquimistas, eruditos que leiam livros, mas, sobretudo, que leiam o mundo. Que possamos confessar como Marguerite Duras: “Caminhas em direção à solidão. Eu não, eu tenho os livros.”

“

A nossa Academia Sul-Mato-Grossense (de Letras) nasceu há quarenta e cinco anos de um sonho de seus fundadores: Ulisses Serra, Germano Barros de Souza e José Couto Vieira Pontes.”

### POESIAS

#### DESESPERO

Eu amei, sonhei.  
E sonhando me empenhei  
em um presumível retorno ao tempo.

Chamavam-me vozes de velhas lembranças,  
atraía-me a volta de emoções,  
enleavam-me esperanças  
que a vida certa vez me acenara.

E assim tentei reviver  
a ilusão que me marcara em dias distantes.  
Andei à procura de um sopro,  
na busca de ânsias e fantasias.  
E cansado e desesperado  
penetrei no roteiro de uma aventura.

Logo, porém,  
chegou o epílogo do meu drama,  
da loucura de haver desejado  
alcançar o impossível.

Hoje minha alma aflita  
brame ao desespero  
de amarguradas saudades.

Sinto-me como se fosse  
a essência de ilusões  
transformada em angústia.  
Como alguém que da existência  
já não espera  
senão as frustrações que matam  
e o desespero de todos os vencidos.

A paz e a consciência  
de sentir-me amado  
já não existem em mim.  
Pago hoje, com a vida, talvez  
a solécia de haver acreditado  
no retorno do tempo.  
E de me haver empenhado  
Na batalha perdida  
do enquadramento de antigas promessas.

**ANTÔNIO LOPES LINS**

#### AMOR

Dizem que existe um sentimento nobre  
Que nos faz otimista e sonhador...  
E as mazelas do eleito sempre encobre  
Com seu manto de eterno protetor!

Não acredito nesse rei tão pobre  
Que nos traz alegria ou causa dor...  
E por mais que de esforço me desdobre,  
Somente assim eu compreendo o amor!

O amor é sempre o amor em todo o mundo,  
Dá vida ao nosso sonho e muitas vezes  
Prossegue à toa como um vagabundo!

Mas não deixa de ser, nos corações,  
A mesma força que após nove meses  
Desabrocha na flor das gerações!

**RUBENS DE CASTRO**

## O PEDREIRO

**ADAIR JOSÉ DE AGUIAR**

Chegou cedo. O primeiro. Como sempre.

Pegou a ferramenta: o prumo, o nível, o metro, a trolha, a régua... Assobiou. Seria um dia bonito aquele.

De manhã tinha falado: tem pagamento hoje. Ela ainda acenou com a mãozinha da menina p'rá ele.

Só seis meses, aquela coisinha. Tão lindinha!

Ele saía sempre animado com aquilo.

Na casa do deputado ainda dormiam. Também na casa do doutor, que tinha umas quantas fazendas e, às vezes, era médico.

A casinha dele tão pequenina, tão sumidinha, com jeito de criança acanhada no meio de adultos.

Nem era bem dele. Estava pagando. Haveria de pagar tudo e fazer uma casinha nova e um pequeno jardim pra ela brincar, quando fosse gente e viesse encontrá-lo de volta do trabalho.

Tudo tinha um modo. Ele era assim: botava uma coisa na cabeça e falava sempre e pensava muito. Tudo tinha um tempo.

Ia ser um grande dia. Sentiu dentro uma coisa nova. Pegava aquele dinheiro, era pouco, mas comprava um vestido novo pra ela, um brinquito pra aquela coisinha!

Ao menos nesse natal seria diferente. O primeiro dela. Tão lindinha.

Um sino tocou por perto. Era amanhã. Hoje de noite tudo estará iluminado: “Noite Feliz...”

Sentava tijolo. Tudo leve. Liso. Uma beleza. O elevador ia e vinha.

Essa água daí, Juca.

Mais massa?

Quero.  
Doze andares. Estrutura só de cimento e ferro. Aquilo chegaria no céu.

Que bom lá de cima. Via tudo agora.

Danados, pagavam nada. Nem garantias. Só no papel. Trabalho, muito trabalho. No duro. Tudo exato, pontual. Nem atraso nem falta. Ele sempre fora o primeiro. Tinham direito. Mandavam. Mas eles... não, nada disso, não queria pensar coisas ruins.

Olhou o céu. Azul.

Lá embaixo os carros. Um formigueiro. Progresso.

Tijolo, moçada.

O elevador despejou tijolo.

Batiam ferro. O suor caía. Levantou o chapéu, passou a mão nos cabelos empapados.

Me dá um cigarro.

Foi aí. Perdeu o pé. Bateu uma, duas, três... doze...

O borrão vermelho no piso.

Curiosos. Autoridades. Muita gente. Aglomeração. Ambulância.

Ela chorando. E aquela coisinha acenando com as mãozinhas.

Depois: bater de ferros. O elevador indo e vindo.

A cidade estrugindo. Um formigueiro. Progresso.

Na casa do deputado estavam levantando. Também na casa do doutor.

Chegou o padeiro.

O leiteiro.

O verdureiro.

...

A noite cheia de luzes: “Noite Feliz... Noite Feliz...”

A casinha dele também iluminada. Algumas pessoas em silêncio.

Um sino tocando por perto.

## NOITE INFINITA

**JOSÉ PEDRO FRAZÃO**

Mais uma vez acordei com o sol bronzeando a nossa pele. E ao agradecer a Deus por outra noite feliz, peguei-me num débil diálogo: – Obrigado, amigo, pelos teus raios que douram o mundo e o nosso corpo.

Logo, minhas mãos protegeram os olhos:

– Obrigado, mãos queridas, pelo bem que têm feito a mim e aos outros. Quanto orgulho eu sinto por serem limpas, puras e amáveis.

Deparei-me com os meus pés buscando o chão firme:

– Obrigado, pés queridos, por terem me levado a tantos bons caminhos.

Ainda no banho, observei todos os membros do meu corpo, cada um cumprindo perfeitamente o seu papel, felizes por mais uma noite colorida. Então sorri ao espelho e, ali, frente a frente comigo, atendi os meus olhos, que, radiantes, também me cobravam uma palavra:

– Obrigado, luzes da minha vida, janelas da minha alma.

Quando, ofegante de ciúmes, o meu nariz embaçou o espelho, acudi-lhe, igualmente, com um merecido elogio:

– Obrigado, mestre dos aromas, pelo sopro que alimenta o meu coração.

Minhas mãos limpavam o espelho, e os meus lábios se abriram num sorriso maior:

– Obrigado, lábios meus, pela doçura de tuas palavras e por terem sido o porto seguro da minha felicidade.

O espelho nem se livrara ainda do creme de barbear, quando esse diálogo fantástico foi carinhosamente interrompido por uma voz feminina, que chegou suave numa nuvem de alfazemas e com a cumplicidade febril de todos os membros, para transformar a aurora na extensão da noite.